

DA CLÍNICA DO CONTAR AO CONTAR A CLÍNICA

Sandra Djambolakdjian Torossian
José Damico
Organizadores



Sandra Djambolakdjian Torossian
José Damico
(Organizadores)

DA CLÍNICA DO CONTAR AO CONTAR A CLÍNICA



Santa Cruz do Sul
EDUNISC
2022

© *Copyright* : dos autores

1ª edição 2022

Direitos reservados: Universidade de Santa Cruz do Sul

Editoração: Clarice Agnes, Caroline Fagundes Pieczarka

Capa: Assessoria de Comunicação e Marketing da UNISC

D111 Da clínica do contar ao contar a clínica [recurso eletrônico] / Sandra Djambolakdjian Torossian, José Damico (organizadores). - 1. ed. - Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2022.

Dados eletrônicos. Inclui bibliografias.

Modo de acesso: World Wide Web: www.unisc.br/edunisc

ISBN: 978-65-88564-24-0

1. Saúde mental infantil. 2. Contação de histórias.
2. Narrativas. I. Torossian, Sandra Djambolakdjian.
II. Damico, José.

CDD: 618.9289

Bibliotecária: Muriel Thürmer - CRB 10/1558



9 Um correio-memória de mulheres negras: narrativas do existir como cuidado em saúde mental

Daniela Ferrugem

Luciana Rodrigues

Marlete Andrize de Oliveira

Introdução

Essa é uma escrita tecida a seis mãos. Mãos de mulheres negras cujo encontro aconteceu ao ocuparem os espaços acadêmicos do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Uma assistente social, uma psicóloga e uma terapeuta ocupacional que encontram nessa escrita a oportunidade de convidar você, leitora e leitor, a pensar com a gente, a partir da experiência de mulheres negras, como temos e como podemos seguir produzindo cuidado nas práticas em saúde mental.

Nesse exercício do pensamento utilizamos como proposta ao nosso diálogo a produção de três cartas, pois apostamos que essa forma de escrita nos auxilia a erguer a voz, como nos convoca e inspira bell hooks (2019) e, também, a não operar com a separação entre vida e escrita, como nos fala Glória Anzaldúa (2019):

Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. (ANZALDUÁ, 2019, p. 93).

Um convite que tecemos a vocês, caras leitoras e



caros leitoras, para que possamos seguir dialogando sobre a produção do cuidado em saúde mental através de uma política da memória que sustentem nossas narrativas do existir como mulheres negras.

“Te benzo com a água da fonte e o ramo do monte”

Querida Vó Almerinda,

Há tanto em mim que eu gostaria de te contar. Sei que estás presente conosco, como a ancestralidade tem me ensinado. Existimos porque outras/os (como a senhora) vieram antes de nós, porque tiveram a coragem de lutar. Assim, vocês seguem se realizando na gente, como escreveu Conceição Evaristo (uma escritora negra brasileira que a senhora iria gostar de ler).

Sabe, parece inacreditável, mas só há alguns meses eu consegui falar sobre a senhora. Foi o cheiro do manjeriçõ que fez desatar o meu pranto. Estava em um evento com a presença de Teresa Cárdenas (uma escritora negra cubana que a senhora também ia gostar). Lá, tinha uma mesa decorada com diversos galhos de manjeriçõ, mel, chá, grãos de café – elementos que seriam usados para despertar nosso corpo, nossas sensações e memórias. Esmagando um punhado de manjeriçõ na mão, ela pediu que algumas pessoas sentissem o aroma e falassem o que ele trazia à memória. Eu não fui uma das pessoas das quais ela se aproximou para esse convite, mas o aroma impregnava o ar. Imediatamente fui transportada para sua casa, para o pátio onde cultivavas as plantas de que tanto gostavas – flores, folhagens, laranjeiras, a parreira, uma horta. Senti o cheiro–memória do pequeno ramo verde que colhias de seu jardim quando ias me benzer. Nessa altura do campeonato, eu era um rio de lágrimas. Chorei de saudade, por ter estado tão longe quando a senhora partiu. No dia da sua partida, senti uma tristeza profunda, mas não consegui



chorar. E veja só, cinco anos depois, o tal manjerição não quis poupar minhas lágrimas – e eu o agradeço.

Te conto tudo isso porque as memórias contigo foram fundamentais para meu processo de afirmação como mulher negra de pele clara, de minha tentativa de curar o que Sueli Carneiro (outra mulher negra que muito me ensina) nomeia de “a dor da cor”, no livro dela que li chamado *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Com um pai negro e uma mãe branca, passei anos sem saber o que eu era. Muitos se referiam a mim como moreninha. Mas não a senhora! Como suas filhas e o tio Paulo, sempre chamou a mim de negrinha. Mas sabe Vó, já adulta, me dei conta de como, naquele tempo, desejei não ser negra. Na escola, olhava para minhas pernas desejando que pudessem ser branquinhas como todas as outras, pois só a minha era diferente. Na adolescência só usava cabelo solto após lavar, pois ele crescia e se avolumava tanto... Cabelo que parecia vassoura, como ouvi. Segundo me disse uma professora do curso de Psicologia, esse meu cabelo não me deixaria trabalhar em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), pois imagina eu atender um usuário em meio a uma crise e ele se “grudar” nos meus cabelos! Toda turma achou muito engraçada essa cena. Acredita, Vó?

Mas eu cresci em uma época onde o racismo parecia, ao menos, não se mostrar tão escancarado como na sua juventude. Ser uma mulher negra, casada com um homem negro e com nove filhos para cuidar não foi tarefa fácil para a senhora. Sei que teve que trabalhar como faxineira, lavadeira e safrista até se estabilizar em um emprego de servente no SESI da cidade. Ainda assim, precisou continuar lavando roupas para ajudar a alimentar a família. E a senhora, incrivelmente, encontrou forças e possibilidades para fazer cursos de costura e primeiros socorros após seu expediente. Com toda essa carga de trabalho, mais cuidar dos/as filhos/as e da casa, não é surpresa que a senhora tenha se aposentado com problemas sérios na coluna.

Fico imaginando como foi para senhora se mudar e



construir sua família em uma cidade que muito se orgulha de sua colonização alemã, aliás, cidade que muitas vezes ignora que pessoas com ancestralidades diferentes também a construíram. Imagino que isso tenha tido um peso em suas vivências, pois, hoje, continua tendo nas nossas. As marcas da violência na saúde mental do Vô sempre foram visíveis. O pai me contou esses dias que, por vários anos, a senhora precisou cuidar da família sozinha. E a senhora seguiu sobrevivendo com uma força e coragem impressionantes. Sei que, às vezes, as barrigas de todos/as ficavam roncando de fome; que uma filha sua se foi pequenina e outro filho se foi já adulto. Sei e vi que muitas pessoas, inclusive vizinhos, olhavam para sua casa com aquele ar que só a superioridade branca sabe ter. Aqueles mesmos que xingavam a gente, a “primaiada” que peraltava pela rua nos domingos de almoço em sua casa.

Com tudo isso, a senhora estava sempre ali, puxando conversa, contando “causos”, sorrindo. Colocando mais lenha no fogão, assando pão, fazendo doce de frutas. E como a senhora era procurada para benzer! Nunca cobravas ninguém. Quem queria podia dar o que quisesse, menos dinheiro – isso, a senhora nunca aceitou. Sempre dizia que era um dom que havia recebido para ajudar os outros, mas que entendia que não era seu o poder de curar, mas a fé da própria pessoa que procurava a senhora.

Quando criança eu gostava muito de ser benzida pela senhora. Ficava encantada com suas palavras, em dança com seus gestos. Lá estava o ramo verde, molhado em um copo de água, antes de percorrer o meu corpo. Suas mãos contornando minha pequenez me faziam grande! Era um momento de estar só eu e a senhora. O final do ritual era acompanhado de um beijo na testa, bênçãos com a afirmação de que tudo ficaria bem e desejos que eu continuasse a ser uma menina querida. E eu seguia à risca sua instrução de colocar o pequeno ramo debaixo do travesseiro. Quando era um galho de arruda, gostava de colocar atrás da orelha. Sempre tenho um pé de arruda em casa.



Memórias que o manjericão me trouxe, Vó. Também uma certa tristeza por nunca ter pedido à senhora que me ensinasse as palavras que davam vida àquela benzedura, um exercício de cuidado que a senhora nos oferecia. “Te benzo com a água da fonte e o ramo do monte...” é tudo o que, hoje, consigo lembrar. A senhora lembra daquele dia em que me disse que achava que ninguém da família ia seguir benzendo (como de fato aconteceu)? Logo depois, me falou como eu, me tornando psicóloga, seguiria ajudando as pessoas, assim como a senhora ajudava. Em sua sabedoria, a senhora me disse que o dom que recebera também seguiria através de mim de um outro jeito. Nunca esquecerei essa nossa conversa.

Vó, são essas memórias que fazem parte do meu processo, aquele que comentei sobre superar a “dor da cor”. Porque eu poderia ter tentado esconder minha negritude, rejeitado a herança e história de nossa família que, para além de sua avó, só sabemos ser descendente de africanos traficados e escravizados por essas terras, pois nossa história nos foi negada. O pai também me contou que a senhora foi criada pela sua avó, mas que após seu falecimento a senhora e seus irmãos/ãs foram enviados/as a diferentes casas de famílias para trabalharem. Tenho a lembrança da senhora falar sobre a família de poloneses, onde permaneceu até os seus 17 anos. Sua história teve várias perdas, distanciamentos, separações. Mas a sua memória seguirá sendo contada por nós. Sua presença continua em nós, em meu pai, em mim, em meu filho (sim, vó, já me tornei mãe!) e no tanto de filhas/os, netas/os e bisnetas/os que a senhora tem.

Sabe Vó, eu me tornei professora universitária, acredita? E sua história irá circular, também, através do meu trabalho. Tenho muito orgulho de ser a primeira doutora de nossa família, sei que a senhora também. Sei do meu compromisso com nossa história, com nossas lutas, em honrar os que me permitiram estar onde estou e continuar trabalhando para que outras mulheres negras e homens negros possam estar onde estou e ir além. Vê só Vó, memória pode ser cuidado, cura, transformação! A senhora que tantos “causos” nos contava,



sabia disso. Se a gente tiver mais espaços para podermos contar nossas memórias, construir e circular nossas histórias (a despeito dos silenciamentos e apagamentos que tentam nos impor), imagina só tudo o que pode mudar...

Um abraço cheio de carinho e saudades,

Luciana

“Querendo entender como descobrimos a negritude, reviro memórias da nossa infância”.

Para a criança que fui.

Querida, te afirmo estou bem. Sei que sempre se preocupou como seria o tempo comigo, se me trataria bem, se a pobreza seria uma sentença, uma herança que eu também passaria. Quero te contar que muito vivi, hoje caminho para ser doutora e circular palavras escritas negadas a tantos e tantas da nossa família. Vivemos tempos estranhos, uma pandemia nos causa medo e nos isola em casa, dos contatos, dos encontros, mas não dos afetos; estes andam fortes, pouco revirados, é verdade. É por isso que quero te contar um pouco do caminho trilhado.

Sabe, nestes dias, escolhendo um filme pra assistir com meu filho – quero tanto te contar sobre ele, mas preciso de uma carta só pra isso – ele me disse: “Não sei nem que filme é, mas deve ser de preto”. A esta afirmação seguiu-se uma conversa, e, lá pelas tantas, estava eu explicando que a pessoa torna-se negra, o que aprendi com Neusa Santos Souza, no livro *Tornar-se negro*. Ele, do alto de sua adolescência recém chegada e com um ar de “saber tudo”, próprio da idade, me respondeu: “Eu não! Já sei disso desde que aprendi a me olhar no espelho”. E fiquei me perguntando: por que tu não sabias disso? Por que demoramos tanto a entender o que significava ser negra?



Querendo entender como descobrimos a negritude, reviro memórias da nossa infância, e encontro com a vó Ivone, mulher negra retinta, do batuque, sempre com a cabeça coberta com o que tu fantasiava que era uma proteção, e hoje sei que era um turbante – ela tinha um de crochê branco que vive nas minhas lembranças. A casa antiga, desses casarões que abrigam várias famílias; mora gente em cima, em baixo, nos fundos... o banheiro era coletivo e ficava atrás da casa. Só fui refletir sobre o que significa esse tipo de casa e porque as pessoas vivem assim mais tarde, quando já era uma profissional em visita domiciliar a uma habitação coletiva, que era considerada área de risco pelo posto de saúde em que eu fazia residência à época. Mas na infância sabia apenas que era a nossa casa-morada. A casa que aos domingos acordava com Alcione, Agepê tocando alto na rádio e com a vó cantando. A janela grande direto pra rua, assim como a porta em que sempre parava alguém pra conversar. Ali mesmo, de pé, o dentro e o fora se misturavam. A porta com sua soleira toda riscada à faca, dos benzimentos. Muitos dos riscos eram pra ti, que volta e meia tinha “pereba”.

Tu que achavas tão legal a vó dizendo aquelas coisas que não entendia bem e riscando a porta, achava divertido como sempre tinha um caroco de abacate com álcool em uma garrafa, garrafas com folhas que eram usadas na família, nos amigos, em quem parava na porta precisando. Mas o real valor destes saberes ancestrais engarrafados tu não sabias, e eu descobri recentemente.

A vó não escrevia nem lia, mas quando cresci mais e já não morava com ela, me intrigava como ela andava por toda a cidade e fazia contas de cabeça, sem nunca ter sido ensinada a ler. Que mulher incrível! A assinatura de seu nome era feita com o polegar. A isso chama-se analfabetismo, negligência de governantes com seu povo, o que também só soube bem mais tarde.

Lembro dela solteira, vivia sem marido, sem companheiro ou namorado, o que não era muito comum na



época. Separou do pai dos seus filhos devia ter 40 anos, tu nem nascida era, e ela nunca mais teve relacionamento amoroso. Nunca me intrigou isso, mas quando descobri que a solidão da mulher negra não é episódica, lendo bell hooks, entendi o porquê dela não ter tido mais ninguém e entendi o porquê de eu nunca ter me espantado em saber sobre isso.

Acho que tornar-se mulher negra é um processo, porque a gente vai se descobrindo em outras mulheres. São histórias semelhantes, ao olharmos para a história de nossa vida percebemos que não é somente nossa; carregamos marcas das que vieram antes de nós, das que estão caminhando conosco e de atravessamentos que tu não identificou na infância, naturalizou na juventude, mas que hoje sei que são rajadas do racismo.

Hoje a memória espia esta casa, esta rua classe média branca, que virou rua boêmia na cidade nos dias de hoje, avista aquela mulher negra de turbante branco e garrafas mágicas e vê não só a alegria do carnaval que ela frequentou até a saúde permitir, a comida cheirosa que ela cozinhava no bar noturno que trabalhava, e que sempre fez com orgulho, mas vê a mulher mãe de 4 filhos, trabalhando muito, faxinando prédios, acordando nas madrugadas, cozinhado em bares para sustentar a família, ajudando a criar netos, com dificuldades para pagar o aluguel. Mulher chamada de guerreira por todos, aliás, no velório desta mulher que morreu aos 85 anos, era o adjetivo que se ouvia nas histórias que as pessoas contavam sobre ela - não eram poucas e, por isso, o riso compartilhava espaço com o choro. Eu sentia tristeza pela ausência e tu orgulho pela vida compartilhada.

Aos 10 anos tu te mudaste. Não mais o cortiço no centro, agora a moradia seria na periferia da cidade, morro acima, com a mãe com seus três filhos e trabalhando muito, cozinhando, limpando casas, o dinheiro sempre limitado: está aí Elizabeth, mulher incrível, mais uma guerreira. Te conto que se tu achavas ela maravilhosa, eu acho ainda mais. Tu não sabias, mas ela foi criada pela avó materna, a mãe



dela morreu quando ela era bebê, nunca soube nem quando exatamente, nem o porquê. A história sempre nos chega assim, aos pedaços, a memória tão necessária para nosso repertório de estratégias de vida, é um tecido traçado como um crochê com ponto solto.

Tu ainda não tinhas crítica para entender que o país produzia guerreiras quando negava direitos à sua população. Não entendia que eram muitas, que elas se pareciam com suas peles mais escuras, suas crianças criadas sozinhas, com falta de acesso à escolarização. Que eram atravessadas pelo racismo e o sexismo que, estrutural, se fazem presentes onde um corpo negro de mulher caminhar.

Na adolescência ainda não tinha me descoberto negra, só me sabia pobre. Nem isso sabia bem, pois não conhecia ninguém que não fosse pobre. Então isso era o mundo conhecido. A gente andava em bando, ia à escola sozinha, ficava em casa sozinha. Passava horas na casa dos amigos, e todas as mães de amigos eram chamadas de tia, o tio a gente não gostava porque eles eram poucos por aquelas bandas.

Tu, assim como eu durante muito tempo, não compreendia a sociedade, não sabia o que era estrutura, mas tinha convicção que não limparia chão dos outros, não por arrogância, mas por convicção de que teria outro caminho, talvez porque o esforço de minha mãe e avó já me permitiam desejar algo que era incomum no entorno, mas possível no sonho alimentado em casa. Esta firmeza se perdeu em muitos momentos, em que alguém apontava a guerreira que imaginavam que eu fosse. Tu não sabes, mas logo vais descobrir que sempre colocam uma arma na nossa mão e uma guerra nos nossos caminhos, comumente a arma é insuficiente para o tamanho da guerra. Não queremos guerrear, queremos a vida em sonho, em verso, em alegria também. Queremos escolhas. Enfim, era este desejo que me fazia ir à escola.

Naquela época não sentia pressão estética, não tínhamos muito dinheiro e não tinha muita oferta de cremes para os cabelos, que sempre mantive presos. Quando comecei



a soltar, não porque gostasse mas porque não me identificava mais com aquelas tiaras e lacinhos, começamos a ter aquelas palestras que ensinam a como se portar em entrevistas. Na periferia elas aconteciam com frequência. Dizia a moça: “meninas, prendam o cabelo, façam uma trança ou rabo de cavalo apertado, ninguém consegue emprego se for com o cabelo solto e desgrenhado. Cabelos crespos são rebeldes, não se ajeitam. Prendam!”. Era o que fazíamos com chiquinhas e tiaras pra tentar domar os fios que tentavam fugir às regras. Eu não sabia, mas algo me atravessava, uma rajada que me acompanharia por 20 anos.

A vida foi passando... ao ingressar na universidade paga, que nem sabia como pagaria, tomei um susto. Talvez ali eu fosse atingida pela segunda rajada que me acompanharia: a universidade era branca. Branca não, era loira. O curso que escolhemos era o que tinha mais gente preta, mulheres pretas como eu, era o curso com a mensalidade mais barata, por conta de um programa que dava descontos para cursos como Serviço Social e licenciaturas. Ainda não sabia, mas já iria descobrir a importância das políticas públicas e como, ainda que incompletas, precárias e excludentes, contraditoriamente mudam vidas.

Eu já trabalhava em uma loja de cosméticos bem famosa, trabalhava no escritório, mas via as vendedoras lindas, maquiadas e de cabelo liso. Tão diferentes de mim. Comecei a alisar meu cabelo, gastava boa parte do meu salário tentando manter ele liso, com escovas e chapinhas. Descobri que além de não contratarem mulheres de cabelos desgrenhados, também não as namoravam. Parte de mim pensava “pára de gastar dinheiro e deixa o cabelo natural”, parte de mim achava feio, e pensava “pelo menos faz química para reduzir o volume”.

Quero te dizer que tu sonhou e eu concluí a faculdade. O curso universitário de 4 anos foi concluído em 7; nem sempre foi possível pagar, e a pausa se fez necessária em dois momentos. No dia das fotos para a formatura, todas



as mulheres estavam com cabelos escovados, este era um padrão de cabelo arrumado, mas estava grávida de 7 meses e não fazia química no cabelo. Saí nas fotos com eles soltos e desgrenhados, não me importei. Não sabia, mas a maternidade me ajudaria a descobrir a potência da minha negritude.

Quando meu filho tinha 4 anos, me disse que queria um cabelo igual ao meu, perguntei por que e ele me disse que era bonito, “caia para baixo” e o dele “pra cima”. Ali me redescobri negra. Decidi que seria desgrenhada e livre. Desde então, descobri o que é ser negra ao criar um menino negro, ao experienciar o medo que as mães negras sentem de colocar estes meninos negros no mundo. De ver como à medida que eles crescem os olhares tortos começam, a agitação nos seguranças, as conversas cotidianas sobre racismo.

Hoje valorizo de um jeito diferente minha história. Será que descobrir ser negra na infância me faria olhar com mais gentileza meus traços, meus cabelos? Quem sabe teria aprendido a beleza do turbante, prestado atenção nas rezas e garrafas mágicas, que aliviavam quase tudo? Os riscos na porta que aliviavam os cobreiros, poderiam ter me ensinado tanto... Estes saberes que me constituem, se valorizados na época, poderiam ter me permitido erguer a voz mais cedo, como aprendi com bell hooks? Quanto choro e vergonha não teriam espaço se esta negritude pudesse ter sido descoberta em sua potência antes das rajadas do racismo? Minha vó não alisava o cabelo, eu achava que ela cobria eles, mas hoje sei que ela os exaltava com seu turbante de crochê branco.

Bem, te digo criança, guardei com carinho nossas memórias, costurei buracos e curei tristezas, queria te dizer que te carrego em mim e honro tua alegria e sensibilidade. As mulheres que te embalaram seguem aqui, a vó em memória, a mãe presença e afeto, todas responsáveis por esta história.

Beijos com sabor dos merengues vendidos de porta em
porta aos domingos.

Daniela



“Seria tropeçar ou existir o pecado causador de tamanho infortúnio?”

Carta a Stela do Patrocínio

Sua bênção, Stela

Faz algum tempo que eu venho sentindo necessidade de lhe escrever, agora que finalmente nos reencontramos. Lembro-me como se fosse hoje, você estava tão linda, tão vibrante caminhando com seu amor pelas ruas do Rio de Janeiro... Eu poderia ficar horas e horas assistindo aquela cena, mas infelizmente algo interrompeu meus devaneios assim como a sua vida.

Algo que seria corriqueiro para qualquer pessoa, mas não foi pra você. Um simples tropeço determinou a sua vida, ou teria sido a cor escura como a noite que banha todo seu ser? Ou ainda, o racismo que habita a alma branca daqueles que ousam se acharem superiores?

Não saberei lhe dizer ao certo, só lembro que você estava caminhando pela rua, com seu vestido azul dançando com o vento, de repente você tropeçou e caiu e alguém do alto de sua branca petulância apontou o dedo e disse: “Levem-na!” - e te levaram, mas não com tranquilidade, ainda lembro dos teu gritos, e tentativas de desvencilhar seu corpo já preso por aquela ordem branca, que se transformava em braços brancos, cobertos por uniformes brancos. Eu tentei impedi-los, juro que tentei... eu gritei, gritei... até meus próprios gritos se juntarem aos seus, mas ao invés de ganharem força, foram brutalmente silenciados. Minha cabeça girava confusa. Como poderiam ter levado você? Seria tropeçar ou existir o pecado causador de tamanho infortúnio?

Foi neste dia, no dia que você estava linda, que nossos caminhos se perderam, e eu, que era sua fiel companheira, fui violentamente retirada de sua vida. Sinto que tudo estaria perdido se você com sua forma espetacular de resistir, não



tivesse escondido um pouco de mim em seu corpo-casa. E assim pude te acompanhar por mais de 30 anos, naquele lugar fétido chamado Colônia, até que no momento do teu descanso em seu corpo-carne pude finalmente fazer morada.

Poucos eram os dias em que podíamos nos encontrar, pois se não bastasse nossa prisão estar fortemente mantida pelos muros altos e pela brancura e ignorância da colônia-prédio e da colônia-sociedade, outra brancura nos mantinha afastadas... Cada vez que aquele pequeno circular objeto branco - que ousam chamar de medicação - entrava em seu corpo, juntamente com aquelas ondas brancas de eletrochoque, eu era transportada para lugares cada vez mais distante e desconhecidos do seu ser, e no lugar da pulsão de vida que nosso encontro poderia produzir, só saía de sua boca espumas palidamente imersas de raiva e dor.

Ah minha querida Stela, mas algo que eles nunca conseguiram foi nos separar totalmente. Lembra quando retomamos nossa forma de coexistir a partir de suas palavras? Que doces e potentes encontros eram aqueles. Eu me enxergava em cada linha que ganhava vida, nos corpos-papéis, corpos-paredes, corpos-vozes, corpos-existências.

Gratidão por não permitir que seu enclausuramento fosse também o meu, apesar de não ver meus semelhantes naquele espaço prisão, e sentir que em alguns corpos-casas de colegas seus, muitos dos meus já tinham sido inanimados. Gratidão por me deixar sair por meio de sua poesia, mesmo quando toda a brancura minava e intoxicava seu corpo-casa, fazendo muitas vezes com que o chão gélido e sujo fosse nossa única morada.

Mas você era tão perspicaz! As respostas vinham logo, como um segredo de sobrevivência que insistia em não nos deixar esquecer que nossos passos vieram de longe e não poderiam ser apagados. E o mito, muitas vezes não dito, nas tuas palavras viraram dito e agora sagrado.



*É dito: pelo chão você não pode ficar
 Porque lugar da cabeça é na cabeça
 Lugar de corpo é no corpo
 Pelas paredes você também não pode
 Pelas camas também você não vai poder ficar
 Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar
 Porque lugar da cabeça é na cabeça
 Lugar de corpo é no corpo*
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 52).

Suas palavras, Stela, ecoavam pelas salas cada vez mais vazias, ocupando o lugar dos corpos, que agora graças ao combinado de não se deixar morrer, procuram por vida e por mim. Me vejo sendo semeada e nutrida nos corpos-casa das semelhantes a você: fora das paredes outrem clamam por mim e pelo meu renascimento em suas vidas, muitas já ceifadas por essas paredes que roubam muito mais do que o direito de que eu habite em vocês, essas paredes roubam a possibilidade de que vocês habitem em mim.

Hoje, Stela, vivo no poder das palavras, na força daquelas que na política da continuidade vieram antes e também depois de você, mas que assim como você possuem história de terem sido separadas de mim. A luta pela coexistência do meu ser com o teu povo é constante minha querida, cansativa e muitas vezes solitária.

Existem pessoas que possuem a branquitude dentro de si, eu sei... eu sei... mas não se preocupe, Stela, elas dizem estar do nosso lado, dizem estar lutando pela nossa reconexão, mas elas ainda se perdem achando que o motivo pelo qual me desconectaram de você e dos seus foi o que elas chamam de loucura, e não o pensamento branco vindo do povo delas que faz crer que são superiores e que por assim serem, podem decidir quem pode me coabitar e quem deve viver sem mim.

Essa falsa crença faz com que nosso reencontro seja lento, e está muitas vezes ligada à dificuldade que os corpos brancos têm de olhar pra si e para seus dedos aprisionadores,



assim como quando estes se olham e acreditam que estão fazendo o que precisam fazer, pois pessoas como você não combinam comigo. E é por isso que as prisões, sejam elas cárceres ou manicômios, possuem a sua cor e a minha inexistência.

Mas assim como você não me deixou pra fora daqueles muros, me guardando e protegendo em seu corpo-casa, muitas pessoas me carregam como bandeira de luta, muitas das tuas filhas que você mesma habita, me usam como forma de cuidado e emancipação e boa parte disso é responsabilidade sua, e de sua insistência em nos manter juntas e assim vivas.

Sendo assim, finalizo essa humilde carta te contando que a luta para que eu habite nos corpos e na vida de cada um dos seus e de suas comunidades ainda está acontecendo. A tentativa da nossa separação é contínua, eles não desistem de me ver apenas em suas brancas vidas. Mas assim como eles não desistem, nós não dormimos, não descansamos, como um ensinamento ainda praticado e transmitido em sua terra-mãe, África, quando na violência primeira me tiraram de seus ancestrais e assim os retiraram de seus corpos-territórios. Ali combinamos que as filhas e filhos daquela terra lutariam todos os seus dias para que o meu reencontro com seus descendentes acontecesse, para que assim se possa voltar para casa.

Com a certeza de que eu vivo dentro de cada uma das suas descendentes, e que a ideia de me ver futuramente nas vidas delas e de suas comunidades é real e cada vez mais próxima, me despeço, amparada na alegria e na segurança de que sempre que você quiser me encontrar bastará olhar para o seu povo e lá verá a mim, mas principalmente verá você.

Um grande abraço da sua fiel companheira

Liberdade.¹



Por uma política do cuidado e das narrativas do existir

Somos mulheres negras que, entre outros lugares, temos ocupado o espaço da universidade. É desse mesmo lugar que nos interrogamos, como canta Bia Ferreira, “Quanto tempo faz que eles contam nossa história? Quanto tempo faz que constroem nossa memória?” (2020) Se são eles, em sua maioria brancos, que ao longo do tempo vêm tentando impor suas versões da história, uma história dos vencidos que esconde e mascara a violência usando-se de estratégias como o mito da democracia racial, como podemos, então, oferecer práticas de cuidado que possam estar a serviço da produção de saúde mental a nosso povo negro? As mulheres negras que cotidianamente lutam para garantir não apenas sua sobrevivência, mas a de suas famílias, seus filhos e filhas?

Nesse sentido, um serviço público que execute políticas de saúde mental, ao não oferecer um atendimento que considere as intersecções de raça, classe e gênero no acolhimento das/os usuárias/os, produz um cuidado que não se encontra ancorado na escuta, podendo, inclusive, produzir silenciamento e a perpetuação do racismo. Se as trajetórias de vida são diversas, plurais, como podemos pensar em trajetórias de cuidado por caminhos que se tornam únicos e homogêneos? Quando não consideramos os efeitos dos sistemas de dominação sexista e patriarcal, de supremacia branca e capitalista (hooks, 2019) na produção do cuidado, estamos operando com uma métrica baseada na ideia de sujeito universal, portanto do homem, branco, cisgênero, cristão, burguês, em uma perspectiva norte-global-centrada que opera não apenas com a produção e manutenção desse sujeito universal, mas com o perigo do qual nos alerta Chimamanda Adichie (2019): o perigo das histórias únicas. Histórias que nos apequenam, que nos silenciam.

Como nos ensina Audre Lorde (2019), precisamos aprender a seguir transformando o silêncio em linguagem e ação. Ao nos afirmar que seu silêncio não a protegeu, e que os nossos também não irão nos proteger, ela nos é



inspiração para erguermos nossa própria voz, como bell hooks (2019), sabiamente nos convoca. Nesse caminho é que se torna possível transformar a história única que contam sobre nós, mulheres negras, em histórias singulares que contamos sobre nós mesmas. O perigo das histórias únicas é a produção de uma versão baseada em imagens estereotipadas de mulheres negras, entre as quais está aquela que nos conta como mulheres sempre fortes e guerreiras. Mas, frente a essas narrativas, é preciso reconhecer que a fortaleza se construiu como resistência à opressão, às vezes, como única possibilidade de existência. Precisamos atentar que o risco de naturalizarmos sua força é desconsiderar que essas mulheres também precisam de cuidado, pois quem exerce o cuidado de mulheres negras que cuidam?

É preciso que possamos trabalhar com uma política de cuidado, à produção de saúde mental, que garanta a escuta e, portanto, a existência das experiências de vida das mulheres negras. Um trabalho que tenha como fundamento a narrativa como memória do existir, escuta da vida, escuta de Dororidade, conceito-existência que “contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa dor é preta” (PIEDADE, 2017, p. 16).

Uma prática em saúde mental pautada em uma política da memória na qual possa se sustentar nossas narrativas do existir. Narrativas que só podemos colocar em circulação no exercício de erguermos nossas vozes, de rompermos com o silêncio que busca nos jogar e nos manter nos perigos de uma história única.

Notas

¹ Carta escrita em poesia e lançada por Marlete Andrize de Oliveira.



Referências

ADICHIE, Chimamanda N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). *Histórias das mulheres, histórias feministas*. São Paulo: MASP, 2019. v. 2, p. 85-94.

FERREIRA, Bia. *Deixa que eu conto*. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=2366544323415206>. Acesso em 03 ago. 2020.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PATROCÍNIO, Stela. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Nós, 2017.

